

## O TEMPO TUDO CURA MENOS VELHICE E LOUCURA

Muito se tem escrito e discorrido sobre os paradoxos associados às viagens no tempo, alguns tão desconcertantes que levam a pensar que tais viagens são impossíveis, convicção aliás partilhada por idóneos e reputadíssimos cientistas que fundamentam as suas análises em recomplexas formulações físico-matemáticas.

Não tenho, porém, motivo algum para duvidar da possibilidade ou mesmo da realidade de tais viagens, e nem sequer me refiro às supostas provas exibidas por certos mitos urbanos mais convictamente difundidos, como os das pegadas de Nike Adidas fossilizadas em estratos paleozóicos com 200 milhões de anos, quando os hominídeos ainda não andavam por cá, ou moedas de dólar encontradas de mistura com moedas romanas descobertas em ânforas enterradas há dois mil anos.

Baseio a minha convicção na experiência pura e simples, e para o provar limitar-me-ei a reproduzir o que se passou com o vizinho do irmão da namorada de um amigo de um amigo meu. Este meu 10 amigo é um indivíduo de costumes regrados e pouco imaginativo, o que imediatamente lhe confere aquele grau de credibilidade que em geral negamos aos que vêem muita televisão e acreditam em tudo quanto nos impingem os jornais. Se ele me assevera que um amigo dele, igualmente digno de todo o crédito, tem uma namorada sensata, boa estudante universitária, com sólida formação científica e que nunca acreditou em OVNI's, a qual por sua vez aceitou sem vacilar o que lhe foi contado pelo irmão, seria muito indelicado da minha parte – para não dizer inconveniente senão mesmo grosseiro – pôr em dúvida toda a série de invulgares ocorrências vividas e minuciosamente relatadas pelo tal vizinho ao irmão dessa namorada de um amigo de um amigo meu.

Começarei por elucidar que esse vizinho se chamava Peixoto, mais conhecido por “senhor Peixoto” na rua onde morava e noutros locais, nomeadamente o restaurante, perto do emprego, onde almoçava todos os dias e onde, a meio da tarde, ia beber um café curto de má qualidade e um cálice de aguardente de amêndoa amarga. Era empregado nos Correios, nos serviços de Gestão



FANTASPORTO ANTOLOGIA  
DE FICÇÃO CIENTÍFICA

Vários

ASA

### | O LIVRO |

O Fantástico nasce da mente e imaginação humanas e manifesta-se nas mais diversas formas artísticas. Esta antologia traz-nos alguns exemplos contemporâneos da sua expressão na literatura lusófona. Editada em parceria com o Fantasporto, (organizada por Rogério Ribeiro, também um dos organizadores do Fórum Fantástico) reúne contos de Portugal, Brasil e Moçambique.

Documental, e os primeiros indícios da sua estranha odisséia coincidiram com a data em que se exonerou do serviço por se ter iniciado enfim, após extenuantes e impenetráveis exigências administrativas, a sua aposentação por invalidez.

Por esta época o Sr. Peixoto teria a volta de uns quarenta e cinco anos, trabalhava nos Correios desde os dezoito, subira de categoria, passo a passo, ate atingir o posto de Chefe de Repartição, e foi numa manhã de inverno muito chuvosa, com ruas muito escorregadias, que ao correr para o emprego às oito e meia se deu o infeliz acidente que o invalidou. O que lhe valeu foi a esposa que o tratou com o desvelo próprio de uma consorte à moda antiga; era uma senhora muito magra mas à sua maneira atraente apesar das rugas precoces, de cabelos de um louro desbotado e sempre cheia de energia a desmentir o ar franzino, e com o particular de ser obsessivamente ciumenta – claríssimo sintoma da muita bem-querença que devotava ao

marido. Foi ela que orientou e formalizou todas as diligências para o internamento hospitalar e subsequente acompanhamento pós-operatório, a fisioterapia, a reabilitação (ou pseudo-reabilitação, o inválido nunca mais se movimentou como deve ser) e a parafernália burocrática indispensável à reforma antecipada.

O Sr. Peixoto ficou acentuadamente coxo de uma perna e com dores periódicas de prognóstico crónico que o obrigavam a manter-se deitado, semana sim semana não, durante dois e três dias seguidos. Enfim, uma situação nada desejável apesar do desvelo da solicita esposa, que algum tempo depois do acidente, precisamente numa daquelas semanas em que ficara deitado a curtir dores intoleráveis, entrou de rompante no quarto e lhe desfechou, acenando com um papel:

– Hermínio! – a voz dela era cavernosa. – Quem é esta Alicia Maria com um numero de telefone ao lado?

O Sr. Peixoto fez um esforço para se revirar na cama e grunhiu uma tentativa de resposta:

– Grrmff... hrrmdgg... glogoggogg... urrggh.

A principal dificuldade residia não apenas nas dores que lhe pesavam nos ossos como chumbo derretido em fumegante ebulição, mas sobretudo por se encontrar atulhado de uma judiciosa e substantifica mistura de comprimidos de Serenal 50 e de Voltaren Retard, que lhe

deixaram o cérebro empastelado como um naco de foie gras fora do prazo, e a língua do tamanho de um rolo de papa de linhaça, muito espessa, cheia de benzina e de cola de sapateiro.

A D. Severina, de alma dilacerada, não se satisfaz e voltou à carga:

– Eu bem desconfiava!... Eu fazia por não ver, mas por mais que não quisesse lá estavam as picadas no coração a avisar-me!

O Sr. Peixoto ainda tentou perguntar:

– Brrlragh... nholl? – mas a inteligência pastosa e a língua tumefacta não condescenderam em prestar-lhe a menor ajuda.

– Escusas de disfarçar, com perguntas parvas! Essas tuas saídas, no emprego... Quando eu telefonava e me diziam que estavas em “serviço externo”! Bem vejo agora que lindo serviço era esse! Eram 12 tardes que passavas com essa tal... essa tal... – lívida de assanho e ciúmes olhou para o papel, a confirmar: – ...essa tal Alicia Maria!

O Sr. Peixoto suave e por duas ou três vezes faltou-lhe a respiração

com o esforço para raciocinar alguma coisa de jeito e dizer de sua justiça, mas a D. Severina Peixoto, prestes a debulhar-se em lágrimas, não conseguia conter as agulhoadas da dor e da frustração que lhe trepavam pela alma acima:

– Nunca pensei que fosses capaz! Agora percebo eu os teus remoques, só porque sou pouco dada a desempenhar as cansativas funções conjugais, mas julguei que tu, na tua idade, também já não te apeteceste, o que era um alívio para mim e um descanso para ti... – exaltou-se, numa fúria: – Afinal descubro que sim, que te apetecia, meu grande imoralão! E durante a tarde! – não teve mão em si e repisou: – Durante a tarde!!!... E eu que julgava que essas coisas só se faziam a noite... Por isso me respondias com a nojenta piada do costume: “Mais vale a tarde que nunca!”

O Sr. Peixoto bem queria explicar-lhe que não era nada disso, os tais serviços externos eram mesmo externos, eram as reuniões obrigatórias quando ia a despacho com o Director de Serviços cujo gabinete ficava num edifício no outro extremo da cidade – além das escapadelas a meio da tarde para o coffee break e para a amêndoa amarga –, mas uma vez mais o torpor e a língua se interpuseram ao seu intento e atraçoaram-no.

A D. Severina por fim sentou-se numa cadeira junto a cama e continuou a brandir o fatídico papel com a adúlterina prova enquanto limpava as lágrimas com a mão livre:

– E de resto... Também o fazias à noite, percebo agora... mas não no recato do matrimónio!... Essas tuas saídas nocturnas para jogar poquer com os teus amigos, o Meneses, o Pestana, o Lopes... Quais amigos, qual póquer,

o póquer afinal era outro! Ias mas era enrolar-te com a bilontra, e eu aqui em casa, esposa honestíssima e fiel, à espera que chegasses para te aquecer o copo de leite antes de ires para a cama, e dar-te fricções nas costas antes de adormeceres!

O Sr. Peixoto, meio desfalecido mas quase a despertar do entorpecimento das drogas com o furor de se sentir tão injustamente acusado, remexeu-se na cama e os ossos enfermos estalaram de raiva mas já não doeram tanto: talvez a adrenalina da irritação provocasse umas boas descargas de endorfinas e dopaminas que lhe adrenergizassem o sistema e lhe facilitassem um começo de recuperação.

E que as reuniões de póquer em casa do Lopes, com o Meneses e o Pestana, eram mesmo autênticas, às vezes ate ganhava uns euros, outras perdia mas não muito, enfim, todos eles tinham a prudência de pacatos sensaborões e comediavam-se nas apostas – até nisso uma esposa atenta aos gastos domésticos não teria de se inquietar: o Sr. Peixoto não era nenhum viciado atreito a dissipar fortunas ao jogo.

– Sou uma desventurada! – insistia a D. Severina fungando entre as soluçadelas do choro. – Enquanto eu ficava em casa a passar-te as peúgas, andavas tu lá por fora a cometer adultério! – exibiu duas varetas de guarda-chuva com as pontas dobradas em L, que encontrara junto do papel incriminatório. – E ainda mais isto! Nunca imaginei que fosses dado a perversões tão aberrantes! Que faziam vocês dois, seus indecentes, com estas varetas tão combridas?

O Sr. Peixoto ficou positivamente aterrado e tentou evitar o desastre que podia vir por aí, e a língua ate se lhe agilizou um pouco:

– Nhuggh... nhag... naaa... ghuh... nao... ghui...



| **A AUTOR** |

O conto que aqui antecipamos é da Autorialia de António de Macedo (cineasta e escritor português, veterano do Fantástico e Ficção Científica). Os restantes autores são Beatriz Pacheco-Pereira; Filipe Homem Fonseca; Ágata Simões; Afonso Cruz; Bruno Martins Soares; João Ventura; Isabel Cristina Pires; Madalena Santos; João Leal; Telmo Marçal; António Carloto; João Paulo Vaz; José Cardoso; Luís Roberto Amabile; Manuel Alves e Rodrigo Silva.